

NIKETCHE: RUPTURA DA VISÃO FALOCÊNTRICA: DA MULHER MOÇAMBICANA NO CORPO SOCIAL

Mariana Brito Batista¹ Hélio Márcio Nunes Lacerda²

¹Bolsista PIBIC-EM – IFTO. Bolsista do CNPq. E-mail: mbbatist@gmail.com;

²Professor Orientador - IFTO. E-mail: hélio.lacerdal@ifto.edu.br

Resumo: Este trabalho investiga a construção do elemento feminino em Moçambique, a partir do romance *Niketché: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane. Rami, personagem em torno de quem gira a narrativa, se depara com inúmeras questões que apontam as barreiras enfrentadas pelo elemento feminino em um mundo pós-colonial e falocêntrico. Nossa discussão ainda problematiza: a) o embate entre tradição e modernidade segundo uma visão feminista de uma escritora negra; b) confrontos culturais em uma nação africana; c) e por fim, pensamos o papel da literatura como ferramenta política de contestação social.

Palavras-chave: Literatura feminina, Mulher, Modernidade, Poligamia.

1. INTRODUÇÃO

Niketché: uma história de poligamia, de Paulina Chiziane (2004), narra a trajetória de Rami, uma mulher negra que vive na parte Norte de Maputo, capital de Moçambique. Rami, mãe de 5 filhos, é casada com Toni, chefe da polícia local. A história, contada por um narrador-personagem nos relata a vida de uma mulher que vive na solidão, praticamente abandonada pelo esposo, um galanteador que seduz mulheres de Norte a Sul do país e que, por onde passa, “semeia filhos em ventres como semente na terra”.

2. CONFRONTOS E CONFLITOS

O episódio de abertura pinta uma cena comum em que o filho mais novo de Rami, Betinho, brincando na rua, tenta derrubar uma Manga com uma pedrada que acaba por acertar o para-brisa de um veículo estacionado nas proximidades. O evento ocorrido gera um incêndio na vizinhança alimentado pelas “línguas de fogo” que queimam Rami e a responsabilizam pela má criação do filho. O problema inicial dá bem o tom que perpassa toda a primeira parte da narrativa: Rami se percebe como ‘ninguém’ na ausência do marido. Para ela, todos os problemas do seu lar se resolveriam se seu ‘macho’ estivesse em casa.

É visível a dependência total por parte de Rami para com Toni. Assim ela se exprime: “Um marido em casa é segurança, é proteção. Na presença de um marido, os ladrões se afastam. Os homens respeitam. As vizinhas não entram de qualquer maneira para pedir sal, açúcar (...), Na presença de um marido, um lar é mais lar, tem conforto e prestígio” (CHIZIANE, 2004:11). Observamos que o homem, em algumas regiões de Moçambique é uma espécie de sol em torno de quem gravita a mulher. Há uma dependência considerável que castra qualquer possibilidade de ação feminina. Em uma sociedade patriarcal o sujeito feminino vive à mercê do falo¹, sua existência é voltada para servir, sua razão de ser e existir no mundo é em torno do “macho-alfa”. Mas isso caberia em outra discussão, pois não é o nosso objetivo neste momento.

A obra poderia ser dividida em duas partes: na primeira, o mote literário seria a ausência do marido, entendido aqui como representante de uma coletividade, de uma forma de ver/sentir/pensar o mundo a partir de uma ótica falocêntrica; a segunda, poderia ser percebida como “a subversão de papéis”, já que Rami, também, interpretada como símbolo de uma coletividade eclipsada pela crença na superioridade masculina e que, aos poucos, alcança algumas migalhas de autonomia, o suficiente para roubar a cena literária e ocupar seu lugar de

¹ - O falo aqui é símbolo de uma visão de mundo pautada em valores masculinos.

sujeito histórico, ativo, capaz de provocar reflexões e minar a lógica macho-sexista que permeia a primeira parte da narrativa. Há que se ressaltar, contudo, que, ao colocar em evidência o embate entre os gêneros, não podemos tomar a narrativa como “uma denúncia panfletarista”. Sugerir isso, seria engessar a obra em um binarismo simplista que a condenaria à uma prisão reducionista.

Sou uma mulher derrotada, tenho as asas quebradas. Derrotada? Não. Nunca combati. Depois das armas antes mesmo de as empunhar. Sempre me entreguei nas mãos da vida. Do destino. Nunca mexi nenhum dedo para que as coisas corressem de acordo com os meus desejos. Mas será que algum dia tive desejos? (CHIZIANE, 2004:18).

Esse fragmento é revelador na medida em que nos deixa a par das condições de vida de Rami. O leitor a percebe, então, como um sujeito despossuído, sem direitos e, pior, sem qualquer perspectiva de autonomia. Pelo contrário, ela se enxerga, melhor dizendo, ela não se enxerga como capaz de fazer o mínimo de esforço para mudar o quadro/palco aterrador do qual ela é a atriz principal. Ela externa sua dor dizendo: “a minha vida é um rio morto. No meu rio as águas pararam no tempo e aguardam que o destino traga a força do vento. No meu rio, os antepassados não dançam batuques nas noites de lua” (CHIZIANE, 2004:18). A ausência de perspectiva nesse momento da narrativa, para Rami, é fruto da ausência do marido. “Sou um rio sem alma” (*IBIDEM*) diz ela. Assim, percebemos que “a alma dela” é, na verdade, o marido. Mais que isso, Toni é o único fôlego de vida para ela, não havendo qualquer possibilidade existencial fora e/ou mesmo distante dele.

Naquela sociedade onde Rami vive, as mulheres são criadas, são “existidas”, se não permitem o neologismo, para não existir por elas próprias. Sua existência passa necessariamente pela figura masculina. Após Toni ir-se, para não se sabe onde, ela reitera sua fala: “sou um ser perdido, encerrado na solidão mortal” (*IBIDEM*). Um belo dia, ao acordar, nossa protagonista, por razões desconhecidas, se levanta radiante de coragem e força para, à semelhança dos rios, “contornar todos os obstáculos”. Assim, ela diz:

Desperto inspirada. Hoje quero mudar o meu mundo. Hoje quero fazer o que fazem todas as mulheres desta terra. Não é verdade que pelo amor se luta? Pois hoje quero lutar pelo meu. Vou empunhar todas as armas e defrontar o inimigo, para defender o meu amor (CHIZIANE, 2004:19).

Aqui vemos a protagonista esboçar algum ar de esperança. Ir à luta aqui, significa que ela quer descobrir qual o paradeiro do marido e onde estão aninhadas as suas possíveis amantes das quais ela desconfia ele ter. Rami sai de casa e vai à procura da amante do esposo. Ambas residem na mesma circo-vizinhança, a saber, a parte sul de Moçambique. Na Rua 15, número 20, ela encontra uma jovem e bela senhora que atende por Julieta. Aquela vai porta à dentro sem pedir licença em busca de Toni. Não o encontrando, desvela, então, uma enxurrada de palavrões seguidos de um bofete que dá início a uma luta frenética da qual Rami sai quase morta de pancadas. Subestimara sua rival. Ao ver levar uma saraivada de socos e pontapés, Rami tenta fugir: “socorro, esta mulher me mata! Na altura em que tento fugir, levo uma garrafada na nuca. Vejo estrelas no céu nublado. *Sexto round*: Fui à guerra e perdi o combate” (CHIZIANE, 2004:22).

Essa é a cena do confronto com a primeira das seis amantes que Rami descobrirá ter Toni. Um fato curioso aqui é que depois da sova, Rami cai desacordada e é Julieta, sua rival, quem a leva para sua casa, unta óleo em suas feridas. “A Julieta levou-me para dentro de casa. [...] Fez-me os pensos para estancar as feridas. Escolheu as suas melhores roupas e me vestiu como uma princesa. Lavou-me a cabeça e me penteou o cabelo. Tem um grande coração, esta mulher” (CHIZIANE, 2004:23). Neste segundo momento do encontro, já acordada e remediados os

ferimentos, Rami, sentada na sala, de frente para sua arquirrival, observa-a detalhadamente seus modos, suas vestes e sente uma profunda inveja.

Avalio-a. Tem unhas pintadas e bem tratadas. Cabelos desfrisados e bem cuidados, coisas que comigo nunca acontecem. O meu Tony proíbe-me de usar adornos e artificios. Quer-me pura tal como Deus me pôs no mundo. A roupa que ela usa foi feita por uma costureira selecionada enquanto eu só uso roupas de fábricas e roupas de segunda mão (CHIZIANE, 2004:23).

Depois de avaliar sua rival nos mínimos detalhes, desde a unha até os móveis da casa, Rami inicia um diálogo com Julieta que narra sua triste trajetória de sofrimento e desventuras. “A minha rival abre-se e conta-me a sua longa história. A sua cama é fria como a minha. Vive numa solidão pior do que a minha. Tem cinco filhos como eu e agora espera o sexto (*IBIDEM*). Aqui Rami se dá conta de que sua rival é, na verdade, uma desventurosa que “apontou o dedo no ar e disse que era seu o pássaro em pleno voo” e a narrativa toma ares nebulosos e melodramáticos, pois Julieta, ao tomar a palavra, expõe toda sua amargura, dizendo que “desde que engravidei, faz sete meses” [Tony não aparece]. “Sim”, ela procede, “ele só vem aqui cumprir a voz do divino criador. Semear-me o ventre, para encher a terra no acto da multiplicação” (CHIZIANE, 2004:24).

Ao ouvir o dilúvio de lamentações da *outra*, Rami conclui que “ela é mais uma vítima do que uma rival. Foi caça e traída como eu” (CHIZIANE, 2004:25). Essa conclusão conduz as duas por um caminho de solidariedade o qual as leva a um elo de irmandade que perpassará toda a obra. Esse afeto que as irmana surge do diálogo no qual, em dado momento, Rami conclui: “Esta mulher tem uma angústia bem pior que a minha. Eu, pelo menos, conheci o sonho e o altar. Tive um marido sempre ao lado em cada um dos cinco filhos que pari (...). A Julieta foi engana desde a primeira hora” (CHIZIANE, 2004:26). Depois deste evento, Rami retorna para casa e algumas noites depois Tony:

Está a roncar como um sapo, não sei o que lhe deu para vir dormir aqui. Está ao meu lado, mas mais distante que as nuvens no horizonte. Dormiu sem falar comigo. Quando pergunto alguma coisa ele rosna-me um sim ou não e não diz mais nada. É impenetrável como uma pedra maciça, inviolável como uma muralha. Para mim, ele não tem alma nem sopro, não dialoga, não suspira nem sopra (...) parece um cadáver na minha cama. Uma massa de carne. Uma medusa, uma holotúria, um monstro. Parece mais uma geleia movendo-se viscoso sobre o meu leito. Arrepiame (CHIZIANE, 2004:28).

Essa descrição é a tônica da relação desse conturbado casal durante boa parte do romance sem muitas novidades que surpreenda o leitor. Por causa dessa pouca mobilidade de acontecimentos e uma não profundidade literária de criação artística, Almiro Lobo (2006:79) diz que “Do ponto de vista estritamente pessoal, a obra não corresponde àquilo que consideramos uma obra-prima da narrativa feita em Moçambique. Dito de outro modo, o romance (...) vive mais do que diz do que da forma que diz aquilo que diz”. Concordamos com o crítico moçambicano, uma vez que “a literatura, tal como a concebemos, distingue-se pelo investimento na linguagem e não pelo conteúdo, por mais nobre que o julgemos” (LOBO, 2006:79).

Apesar da crítica sobre o fato de haver pouca mobilidade e inserção de elementos que deem força à narrativa, o romance traz um embate entre a forma de vida decorrente e orientada pela modernidade ocidental, trazida nos porões dos navios europeus e, a tradição autóctone que, insurreta, insiste em resistir aos ventos da ocidentalização. Rami é cristã, esporadicamente vai à igreja, acredita no deus que lhe pintaram os missionários da época colonial. Todavia:

Fico desesperada com este sonho que se repete. Consultei advinhos que me contaram histórias extra-ordinárias de feitiços de amor feitos por outras mulheres. Não acreditei em nenhuma. As minhas vizinhas falam-me de *midjiwas*, esposas e esposos de outro mundo, que, nas vidas anteriores ou na outra encarnação, foram nosso cônjuges e reclamam os seus direitos nesta vida (CHIZIANE, 2004:30).

Apesar de o projeto supostamente civilizador pretender erradicar as crenças autóctones, enquadrando-as e aprisionando-as dentro de uma visão de mundo que demoniza tudo aquilo que foge ao seu apelo missionário, fica claro que seu êxito foi parcial. As crenças no além, em “almas penadas”, em outras encarnações e espíritos que retornam do mundo dos mortos revelam que as crenças populares continuam a orientar em alguma medida as práticas cotidianas e a vida das pessoas, principalmente as mais velhas, representantes de um mundo menos europeizado que se orgulha de suas práticas e não abdica de suas raízes culturais. Cabe ressaltar que a obra valoriza as várias línguas ao colocar em cena termos autóctones diluídos no corpo do texto. Há inúmeras inserções a ponto de haver um pequeno glossário no final da obra para auxiliar o leitor e situá-lo no contexto linguístico local.

Outro momento de embate cultural diz respeito a possíveis soluções que Rami busca para resolver os problemas matrimoniais. Tony não a procura mais, há tempos não mantém relações sexuais. As pouquíssimas vezes que ele aparece é apenas para trocar de roupa, se alimentar e partir novamente. A fiel esposa, até então, se vê encurralada sem saber o que fazer ou a quem procurar. “A ausência de transformar este amor atrai-me perigosamente para caminhos nunca dantes pisados” diz ela.

Eu, mulher, casada há vinte anos, mãe de cinco filhos, experiente, andei de boca em boca, de ouvido em ouvido, auscultando de toda a gente a forma mais certa de segurar marido. A minha mãe faz discursos de lamentos. Minhas tias velhotas falam-me de feitiços de natureza vegetal. De origem animal. Outras ainda me falam de correntes espirituais, com batuques, velas, rezas. Outras ainda me falam de terapias de amor feitas em igrejas milagrosas. Outras me recomendam consultas em psicólogas formadas em universidades que dão consulta sobre o amor (CHIZIANE, 2004:31).

À medida que o leitor avança nas páginas vai se dando conta dos embates constantes que se travam entre os elementos ocidentais e autóctones. Temos no trecho acima, um problema muito difícil de ser resolvido: como fazer Tony voltar a amar sua esposa. Outro ponto importante diz respeito a forma como cada sociedade enxerga o mundo. Grosso modo, na cosmovisão africana relatada acima, o mundo é povoado de espíritos que podem ajudar ou dificultar a vida humana. Para aqueles que assim entendem o mundo, no caso, *as tias velhotas, as vizinhas*, há que se recorrer a feitiços, encantamentos, rezas, batuques, terapias em igrejas. Apesar das variantes, há uma tônica constante: o mundo é regido por forças sobrenaturais que os humanos não controlam e, portanto, estão à mercê de tais forças. Ao passo que no segundo momento, temos os elementos do mundo ocidental que a tudo racionaliza e a tudo explica através da técnica e da ciência. “*Outras me recomendam consultas em psicólogas formadas em universidades que dão consulta sobre o amor*”. Temos aqui outra cosmovisão, aquela regida pelas “leis imutáveis” da ciência que busca explicar como os fenômenos naturais ocorrem, quais suas razões, suas causas e consequências. O leitor se depara, então, com um dos elementos característicos da modernidade, a universidade, espaço onde acontece a instrumentalização do saber e que busca, por meio da razão, a superação do mito ou do saber comum, bem como das crenças religiosas.

Na arena literária temos, então, duas formas muito distintas de entender o mundo. A primeira, compreende o cosmos como espaço governado por forças misteriosas, espirituais, mágicas e fantásticas. A segunda, narra o mundo a partir de outra lógica, a da racionalidade, da

reflexão científico-filosófica. Ressaltamos que ambas as formas são válidas e que para, os pós-estruturalistas, ambas seriam narrativas. E por serem narrativas as formas de organização da vida passam a ser aquilo que narramos como sendo. Há, assim, uma equivalência, de modo que uma concepção de mundo não se sobrepõe sobre outras, mas estabelecem diálogos de *espaços da diferença*.

À ciência caberia, segundo Pedro Demo (1995:35):

Descrever o universo, definir os termos com precisão para não deixar margem à ambiguidade, cada conceito deve ter um conteúdo específico e delimitado; não pode variar durante a análise [buscando] descrever e explicar com transparência, não incorrendo em complicações (...) distinguir com rigor facetas diversas, não emaranhar termos, clarear suposições possíveis, fugir à mistura de planos da realidade, não caindo em confusão; procurar classificações nítidas, bem sistemáticas de tal sorte que o objeto apareça recortado sem perder muito de sua riqueza.

Lembramos que essa concepção de ciência, melhor dizendo, as narrativas científicas tem seu esteio teórico nas correntes positivistas que negavam qualquer outra forma de conhecer o mundo. Para elas, o conhecimento é pautado pela possibilidade de se descrever, levantar e testar hipóteses, conceitos, teorias, princípios e procedimentos. Assim, aquilo que fugisse aos seus termos era logo descartado, deslegitimado. Ressaltamos que nosso foco não é problematizar o que (não) é ciência, mas entender como a modernidade se faz presente na obra através de suas instituições burocráticas e que tentam, à semelhança de um rolo compressor, modelar e infundir em sociedades não ocidentais seus valores ditos civilizados.

Na arena discursiva em que se digladiam o prêmio de orientar a ação de Rami ganha a tradição. Lê-se então que: “A minha vizinha do lado insiste em levar-me para o curandeiro dela, mas eu preferi matricular-me num curso promovido por uma famosíssima conselheira amorosa que mora num lugar escondido no centro da cidade. Hoje vou ter a minha primeira lição” (CHIZIANE, 2004:32). Nesse momento, há uma pré-dica inicial interessante. A conselheira fala diferente. Ela diz: “*Pons tias. Poas vintas. Acrateço a sua breferencia bor esda escola*”. A narradora logo trata de esclarecer que ela é macua. “Troca o b por p. Troca o d por t, ela é do norte” (CHIZIANE, 2004:33).

No diálogo pouco à vontade e truncado que se segue, Rami não se sente bem em compartilhar com uma estranha suas intimidades e problemas pessoais. Contudo, a professora macua dribla suas defesas e a faz falar de como foram os preparativos para o casamento. Rami explica o que fez, diz dos belos bordados que coseu, das recomendações do padre e da mãe de como ser uma boa esposa, da maternidade, ao que choca a professora, pois nada a ensinaram sobre o amor sexual. O que para uma macua é inconcebível. “Então não és mulher – diz-me com desdém -, és uma criança. Como queres ser feliz no casamento se a vida a dois é feita de amor e sexo e nada te ensinaram sobre a matéria?” (CHIZIANE, 2004:35).

A professora continua falando dos primeiros ritos de passagem da adolescência para a juventude e os de noiva para esposa. Coloca-se, então, um choque de culturas e, conseqüentemente, um estranhamento que deixa Rami maravilhada, pois nunca ouvira falar em *musiro*, raiz com que se produz uma máscara de beleza, tampouco que se lavasse a pele com mel. Nas longas horas desse primeiro encontro:

Dedicamos um tempo à comparação dos hábitos culturais de norte a sul. Falamos dos tabus da menstruação que impedem a mulher de aproximar-se da vida pública de norte a sul. Dos tabus do ovo, que não pode ser comido por mulheres para não ter filhos carecas e não se comportarem como galinhas poedeiras na hora do parto. Dos mitos que aproximam as meninas do trabalho doméstico e afastam os homens do pilão, do fogo e da cozinha para não apanharem doenças sexuais, como esterilidade e impotência. Dos hábitos

alimentares que obrigam as mulheres a servir aos maridos os melhores nacos de carne, ficando para elas os ossos, as patas, as asas e o pescoço. Que culpam as mulheres por todos os infortúnios da natureza. Quando não chove a culpa é delas. Quando há cheias, a culpa é delas. Quando há pragas e doenças, a culpa é delas porque sentaram no pilão, que abortaram às escondidas, que comeram o ovo e as moelas, que entraram nos campos nos momentos de impureza (CHIZIANE, 2004:36).

Esse excerto, apesar de extenso, é relevante para a análise uma vez que escancara o papel social feminino, em especial na parte sul de Moçambique, de onde Rami vem. O papel de subalternidade da mulher é exposto de forma clara e demonstra como em uma sociedade patriarcal a mulher é tratada. Em um dado momento, a narradora relata que a mulher do norte, segundo a tradição, deve servir o marido de joelhos. Sem emitir qualquer juízo de valor sobre as práticas engendradas no seio daquela sociedade, podemos sugerir que a tradição que oprime a mulher, condenando-a a subalternidade, se pretende um discurso natural, “algo que todos devem aceitar e sofrer resignadamente, como se fosse uma lei da natureza” (SILVA, 2014:6).

Embora Moçambique esteja a milhares de quilômetros daqui, há semelhanças consideráveis no tocante à condição feminina de além-mar e em nosso país. Nesse último, embora se pretenda um Estado democrático de Direito, se vê rotineiramente a mulher sofrendo estupro físicos e simbólicos, tendo sua condição achincalhada e a imagem de seu corpo reificado. Ainda na senda do embate cultural, a voz narradora descreve com precisão algumas diferenças importantes dentro de Moçambique. Assim ela diz:

As mulheres do sul acham que as do norte são umas frescas, umas falsas. As do Norte acham que as do sul são umas frouxas, umas frias. Em algumas regiões do norte, o homem diz: querido amigo, em honra da nossa amizade e para estreitar os laços da nossa fraternidade, dorme com minha mulher esta noite. No sul o homem diz: a mulher é meu gado, minha fortuna. Deve ser pastada e conduzida com vara curta. No norte as mulheres enfeitam-se como flores, embelezam-se, cuidam-se. No norte a mulher é luz e deve dar luz ao mundo. No norte as mulheres são leves e voam. Dos acordes soltam sons mais doces e mais suaves que o canto dos pássaros. No sul as mulheres vestem cores tristes, pesadas. Têm o rosto sempre zangado, cansado, e falam aos gritos como quem briga, imitando os estrondos das trovoadas. Usam o lenço na cabeça como quem amarra um feixe de lenha. Vestem-se porque não podem andar nuas. Sem gosto. Sem jeito. Sem arte. O corpo delas é reprodução apenas.

Outro fragmento longo, mas que oferece uma visão mais apurada acerca das diferenças locais que, embora dentro de um mesmo país não muito extenso, se estende nas peculiaridades culturais. Vem à baila, então, um conceito importante que, ao que parece, permeia as sociedades humanas independentemente da localização espacial e/ou temporal, a saber, etnocentrismo. Segundo Everardo Rocha (1984:7):

Etnocentrismo é uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência. No plano intelectual, pode ser visto como a dificuldade de pensarmos a diferença; no plano afetivo, como sentimentos de estranheza, medo, hostilidade, etc.

Esse conceito da antropologia é explicado de forma muito simples e acessível no romance, na medida em que os diálogos são travados entre Rami e as demais personagens que povoam a obra a partir da segunda parte do livro. Outros conceitos se inserem de forma sutil e

clara, talvez, porque como bem pontuou Almiro Lobo (2006:79), esse romance de Chiziane “se constitui de uma transposição de relatos orais, transmitidos numa atmosfera de cumplicidade e secretismo”. Dito de outro modo, o fluxo narrativo flui aceleradamente por apresentar algumas características da oralidade, característica marcante em algumas sociedades africanas.

Na parte de apresentação da obra consta que “neta de uma contadora de histórias, Chiziane herdou da avó o talento narrativo e construiu um enredo repleto de peripécias, numa prosa vivaz e saborosa”. A narradora privilegia confrontos culturais que se desdobram em violências física e simbólica, os embates se travam por motivos óbvios: cada mulher reclama para si, o ser mais bela, mais atraente, se vestir melhor, cuidar melhor do marido, ter truques na cama mais eficazes. A relação de alteridade que se estabelece entre elas é melindrosa e excessivamente problemática.

Outro problema cultural se estabelece e é explicado adiante quando Rami se sente ressentida por outra vez a professora afirmar que ela, por não ter passado pelos ritos de iniciação é ainda uma criança. A protagonista replica que: “meu pai era um cristão ferrenho, de resto a opressão do regime colonial foi muito mais forte no sul do que no norte” (CHIZIANE, 2004:37). Essa explicação coíbe qualquer julgamento etnocêntrico por parte de alguém do norte, uma vez que ambos, como dito acima, enfrentaram níveis de opressão e exploração flutuantes. À Rami é explicado que nas escolas de amor se aprende as artes da:

Sedução, de maternidade, de sociedade. (...) Na iniciação aprendes a conhecer o tesouro que tens dentro de ti. A flor púrpura que se multiplica em pétalas intermináveis, produzindo todas as correntes benéficas do universo. Nos ritos de iniciação habilitam-te a viver e a sorrir. Aprendes a conhecer a anatomia e todos os astros que gravitam dentro de ti (CHIZIANE, 2004:37-8).

Dentro da cosmovisão nortista, mais especificamente Macua, uma mulher sem ter sido iniciada não:

Pode casar [porque] ninguém te aceita. Se te aceita, logo depois te abandona. Não podes participar dum funeral, muito menos aproximar-te de um cadáver, porque não tens maturidade. Nem podes assistir a um parto. Não podes tratar dos assuntos de um casamento. Porque és impura. Porque não és nada, eterna criança (CHIZIANE, 2004:38).

Há, recorrentemente, o confronto de formas diferentes de concepção de instituições sociais bem como dos papéis sociais que cada indivíduo tem de exercer no grupo. Cada sujeito deve agir dentro do *script* a ela elaborado e delegado, culturalmente definido. Rami, assim como provavelmente o leitor, sente considerável estranhamento quanto aos costumes nortistas. A professora fala de coisas “estranhas” que geram naquela, profundo desconforto e assombro. É dito que o marido é para ser compartilhado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ocidentalização inserida em algumas partes da África mudou, de forma significativa, a cultura local. Nessas peculiaridades de cada povo, cultura e nação, não há certo ou errado. O que há são maneiras de viver e enxergar o outro e isto está bem representado na obra de Chiziane. Sabe-se, ao ler Níketché, que entender Moçambique não cabe apenas aos livros de História. A narrativa literária é aliada importante nesse processo de compreender a(s) história(s) e a(s) cultura(s) africana e é neste viés que o trabalho articula os costumes de Moçambique e desmistifica a ideia de uma África culturalmente igual. Mesmo antes das intervenções culturais vindas dos colonizadores e mercadores que iam à África, cada comunidade africana tinha e ainda tem sua forma intrínseca de conviver, de se organizar.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rami mostra-se frágil em um primeiro momento, diante da complexidade das relações diferentes existentes em Moçambique, mas à medida que conversa e conhece melhor cada uma das amantes de Tony, ela passa a adotar estratégias para que todas as mulheres envolvidas tenham o mesmo direito. A ideia de amizade, força, luta e ao mesmo tempo independência financeira diante as injustiças acometidas no casamento, seja um casamento polígamo, ou monogâmico, é o que as unem. As relações humanas, independente de grupo social é o que prevalece nessa narrativa. Mesmo aninhada a verossimilhança a literatura faz conhecer e refletir sobre uma cultura, sobre as relações humanas e isto está sim, bem próxima realidade .

REFERÊNCIAS

CHIZIANE, Paulina. **Niketche: uma história de poligamia**. São Paulo: Companhia das Letras: 2004.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1995.

GRUZINSKI, Serge. **A colonização do imaginário: sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol. Séculos XVI-XVIII**. Companhia das Letras. 2003.

HERNANDEZ, Leila Hernandez. **A África na sala de aula: visita à história contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

LOBO, Almiro. Niketche, uma história de poligamia: a moçambicanidade revisitada. IN: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania. **Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa**. São Paulo: Alameda, 2006.

ROCHA, Everardo Guimarães. **O que é Etnocentrismo**. Ed. Brasiliense, 1984.

SILVA, Alberto da Costa e. **A África explicada aos meus filhos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2012.